

Copyright © 2007 Nina Burleigh

Mirage

Todos os direitos reservados. Impresso no Brasil. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada, reproduzida ou armazenada em qualquer forma ou meio, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc. sem a permissão por escrito da editora.

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Dominique Makins

REVISÃO

Monalisa Neves e Marco Pace

PROJETO GRÁFICO

Tony Rodrigues

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Burleigh, Nina

Miragem : os cientistas de Napoleão e suas descobertas no
Egito / Nina Burleigh ; tradução Rosana Telles. -- São Paulo :
Editora Landscape, 2008.

Título original: *Mirage*

ISBN 978-85-7775-072-6

1. Egíptologia - História 2. Egito - Antiguidades
3. Egito - Guerra da Segunda Coalisção - Campanhas
de 1798-1801 4. Egito - História 5. Egito - História -
Ocupação francesa, 1798-1801 I. Título.

08-09848

CDD-962.03

Índices para catálogo sistemático:

1. Egito : Século 18 : História 962.03

EDITORIA LANDSCAPE

Rua Ministro Nelson Hungria, 239 – cj 10 – Fone/Fax (11) 3758-4422
atendimento@editorialandscape.com.br
www.editorialandscape.com.br

O Livro

Ao deplorar o destino de tantos bravos guerreiros que sucumbiram no Egito, serei consolado pela existência desses trabalhos tão preciosos.

Virá um tempo quando o mesmo exército, agora ocupado em desdenhar, sentirá orgulho por tê-los visto e por nos ter conhecido.

Devemos esperar, e aprender a sofrer pacientemente¹.

GEOFFROY SAINT-HILAIRE,
em carta enviada do Egito a Cuvier, 1801

França, 1801-1828

No final do outono, eles se arrastaram de volta à França a bordo de navios mercantes ingleses e gregos – não havia navios franceses – com nomes como *Amico Sincero* e *La Diane*. O general Menou, um dos últimos franceses a deixar o Egito, teve o duplo infortúnio de capitular e contrair a praga. Navegou de volta à França sob os cuidados do Dr. Larrey, levando sua esposa egípcia e seu filhinho. Apesar de ter sobrevivido à doença, Menou, ao contrário da glória recebida pelos heróis mortos Kléber e Desaix, nunca foi homenageado com uma estátua ou teve seu nome dado a uma rua ou praça de Paris.

Devillier, Jollois e Dubois-Aymé voltaram para casa num barco de junco dirigido pelos gregos. Ao chegarem de noite em Gênova, quase foram destruídos por uma forte tempestade. Vários marinheiros caíram ao mar e os mastros se partiram. Imaginando que seria forçado a nadar, Devilliers se livrou de suas roupas. Na manhã seguinte, o sol brilhou sobre mares calmos, e daí por diante os jovens tiveram uma viagem sem maiores surpresas.

Geoffroy Saint-Hilaire ficou no Egito, impacientemente esperando por um navio até que, finalmente, no início de outubro, conseguiu

embarcar. Voltou para casa em um navio inglês, o *Calipso*, com um pequeno grupo de engenheiros franceses e alguns animais vivos. Os animais, seus companheiros de viagem, incluíam um mangusto egípcio (“extremamente domesticado”, ele relatou ao guarda do zoológico do *Jardin*, “e dono de uma alegria invulgar”), uma civeta, bicho de estimação de Manou e dois ginetes tunisianos.

Dos cento e cinqüenta e um civis franceses que, em 1798, chegaram ao Egito, doze retornaram antes da rendição, vinte e seis morreram no Egito e mais cinco logo depois de retornarem à Europa. O preço pago pelo exército foi muito mais devastador. Dos 34 mil integrantes das tropas de terra que seguiram Napoleão ao Egito, somente 21 mil e quinhentos conseguiram voltar vivos. Entre os sobreviventes havia 3 mil doentes e contaminados. Dos 16 mil marinheiros da expedição, apenas 1.866 – estimativa de quase 1 para nove – retornaram à França. É possível que um número maior tenha sobrevivido ao desastre da baía de Abukir, mas foram absorvidos pelo exército e retornaram à França como soldados².

Em Marselha, finalmente em solo francês, os *sábios* que regressavam não tiveram uma recepção digna de heróis. Durante um mês, foram isolados em quarentena e, sob vigilância, alojados próximos ao porto em cercados com barracões de estrutura de madeira e depósitos, alguns sem telhado. Abrigaram-se da melhor maneira possível durante o frio do começo do outono, com retalhos de lonas de vela tiradas dos navios e dormindo em redes. Seus espécimes e souvenir – embrulhados em algodão – foram mantidos em tempo de quarentena ainda maior que o dos homens. Os franceses suspeitavam que o algodão transmitisse *la peste*.

Geoffroy Saint-Hilaire chegou em casa fisicamente saudável, mas em estado emocional precário. Como, por três anos, não recebera nenhuma carta de Cuvier ou de seus colegas do Museu, estava profundamente preocupado com seu futuro profissional. Em uma carta datada de 18 de novembro, enviada de Marselha, pela primeira vez Geoffroy confessou a Cuvier que “devia ter ouvido os conselhos” de colegas e amigos que lhe disseram para não ir ao Egito. Mas sua crise de melancolia logo foi substituída por uma preocupação mais material: onde viveria quando voltasse a Paris? Durante o período que passou nos barracões de

quarentena, esta pergunta era uma constante em seus pensamentos. Por vezes, gostaria de ter o seu velho apartamento de volta; outras, imaginava poder sentir-se verdadeiramente feliz vivendo em um simples quarto, como um espartano. Logo depois de chegar à França, Geoffroy ficou sabendo que Dolomieu havia falecido em Paris. Imediatamente, escreveu para Cuvier, expressando choque e surpresa – e especulando as chances de ficar com o apartamento de Dolomieu. Um mês depois, escreveu a Cuvier reclamando que fora injustiçado porque seu apartamento de Paris lhe havia sido tirado durante sua ausência. Entretanto, como era típico, Geoffroy também tinha duas opiniões a respeito disso. Na mesma carta, escreveu que, no Egito, havia morado em “uma barraca rústica” por tanto tempo que, ao retornar a Paris, planejava alugar um simples quarto com banheiro.

Nessa época, os acadêmicos eram atormentados por uma pergunta: como dar sentido ao que haviam coletado? Também do ponto de vista moral, como explicar o que havia acontecido? Haveria reparação possível pela perda da vida de tantos soldados?

Em fevereiro de 1802, apenas dois meses após os acadêmicos terem sido liberados da quarentena e voltado às suas famílias, Napoleão baixou um decreto consular autorizando a publicação das “memórias, planos, desenhos e de todos os resultados gerais relativos à arte e ciência obtidos durante o tempo de expedição”. Os próprios acadêmicos já haviam planejado tal projeto. Fourier havia discutido com Kléber sobre a possibilidade de reunir os trabalhos dos *sábios* em um único livro. Da maneira como foi inicialmente concebido, o livro deveria ser um empreendimento privado. Ainda no Cairo, um mercador francês, juntamente com catorze dos acadêmicos, havia criado uma sociedade por ações com a intenção de, algum dia, publicar o material na França. Mais tarde, Menou se opôs à sociedade, fazendo com que os cientistas comessem a se preocupar sobre quem teria o controle sobre seu trabalho. De volta à França, o governo de Napoleão imediatamente desarticulou a sociedade de ações e colocou o projeto sob a égide do Ministro do Interior, que concordou em pagar aos acadêmicos pelos trabalhos a serem publicados.

Iniciado em 1802 e sem ser terminado até 1828, *Description de l'Égypte* se não foi considerado um monumento como Geoffroy Saint-Hilaire

esperava, pelo menos foi um consolo que homenageou aqueles mortos ou contaminados no Egito. O livro é opulento, gigantesco e admirável. Seus vinte e quatro volumes reúnem a mais abrangente visão da cultura e arquitetura do Egito Antigo e moderno jamais vistos no século XIX. Na verdade, nada parecido havia sido publicado, em qualquer área do conhecimento. Nunca antes e, provavelmente a partir de então, pelo menos na era pré-digital, um volume tão grande de informações, vindas de fontes tão variadas e em formatos tão diversos (texto, desenhos, mapas), havia sido compilada sob um título apenas.

Publicado em série, entre 1809 e 1828, e embrulhado em papel pardo, o livro foi enviado a ricos assinantes. Os compradores tinham também a opção de encomendá-lo embalado numa luxuosa caixa de mogno elaborada por Jomard e entalhada com motivos de flor de lótus e bustos encontrados em Tebas e Dendara. A produção de tantas páginas em tamanho grande ocupou vários fabricantes de papel de Paris. Era muito caro imprimir, com durabilidade que se desejava, tão pesadas páginas de linho. Na primeira edição, foram impressas apenas mil cópias.

O livro levou tanto tempo para ficar pronto que dezenas de homens que participaram da expedição morreram ou se tornaram incapacitados antes do final da publicação. O próprio Napoleão elevou a si mesmo de cônsul a imperador, tornou-se exilado e morreu durante esse tempo, mas não antes que Luís XVIII, irmão do decapitado Luís XVI, o substituísse como monarca. Após a morte de Napoleão, sete anos se passariam antes que o último volume fosse publicado. Com retomada da monarquia ainda recente, um dos aspectos mais complicados do trabalho foi reviver a adoração do herói napoleônico pelos cientistas. Isidore, filho e biógrafo de Geoffroy Saint-Hilaire, escreveu que a restauração da monarquia diminuiu consideravelmente o ritmo do projeto. Os Bourbons não sentiam grande simpatia pelos acadêmicos que haviam se associado de forma tão íntima com o cidadão-imperador. E se organizaram para punir alguns deles. “A queda do Império quase causou o abandono do livro, pois tratava-se de um projeto muito grandioso para qualquer editor que não fosse o próprio governo”³, escreveu Isidore. “O mínimo que precisava ser feito era que o nome de Napoleão fosse apagado, tanto desse como de todos os outros monumentos.”

Com o objetivo de apagar, ou pelo menos diminuir as referências ao imperador, os acadêmicos varreram o texto e as ilustrações. O que não foi tarefa fácil. Para o volume inicial, os artistas da expedição egípcia haviam planejado um elaborado frontispício em honra da entrada triunfal de seu líder no Egito mitológico, conquistando os mamelucos e circundado pelas musas da Ciência e das Artes. Alguns volumes foram publicados antes da morte de Napoleão, mas é preciso lembrar que ele faleceu vários anos antes de terminado o projeto. Em 1828, o frontispício ainda permanecia, mas quaisquer indicações visuais do imperador foram retiradas.

Fourier, encarregado de escrever o prefácio, ao recorrer a um patriotismo descarado engrandecendo a glória da França, ficou na corda bamba entre o imperador e os monarquistas. Precisava fazer com que, apesar do fracasso militar, a expedição parecesse bem-sucedida em termos civis. Ele também queria exaltar seu mentor, e alguns relatos sugerem que Napoleão em pessoa inseriu algumas linhas nos escritos de Fourier.

Fourier tem sido descrito como o ideólogo-chefe entre os acadêmicos devido ao forte contexto político que, em seu prefácio, usa como pano de fundo para a expedição e o trabalho por ela realizado. Sem sombra de dúvida, ele deu um toque sublime no objetivo dos franceses ao tomarem o Egito: “para abolir a tirania dos mamelucos, ampliar a irrigação e o cultivo, abrir um canal permanente de comunicação entre o Mediterrâneo e o golfo Árabe, estabelecer laços de comércio, oferecer ao Oriente o exemplo útil da indústria européia e, finalmente, tornar a Constituição mais palatável aos habitantes e granjear a eles os benefícios de uma civilização perfeita”.

Honrado por Napoleão, em 1802, com a prefeitura de Isère, Fourier, além de outros assuntos – como o desenvolvimento de sua inovadora teoria sobre a condução do calor –, também se encontrava atarefado com o projeto de drenagem dos pântanos transmissores de malária de Grenoble [capital de Isère]. Reclamou pelo fato de não poder escrever o prefácio até que o trabalho de todos os contribuintes tardios estivessem à sua frente.

O mais atrasado dos colaboradores foi Savigny, que desenhou centenas de animais e insetos para o livro e que, em 1815, ainda não havia finalizado sua empreitada. E, para piorar a situação, por estar visualmente incapacitado, não era mais capaz de identificar seus próprios

desenhos. No texto final, os editores de *Description de l'Égypte* fizeram questão de explicar em detalhes que Savigny se encontrava muito doente para contribuir com explicações sobre o seu trabalho e que outra pessoa havia sido designada para tal tarefa, na esperança de que, algum dia, Savigny – “uma vítima de sua devoção à ciência” – pudesse escrever seu próprio texto. Os editores acharam também conveniente incluir no livro a carta que escreveram a Savigny informando-o sobre a decisão de designar um aluno, Victor Audoin, para terminar seu trabalho.

Em *Description*, os acadêmicos tentaram criar uma versão egípcia da enciclopédia de Diderot. Aderiram aos princípios do pensamento objetivo e racional, elevando a precisão matemática acima de todas as coisas. Além das belas gravuras, o livro é uma obra memorável por ser rica em mapas e interpretações numéricas. Alguns críticos modernos vêem essa redução das pessoas e lugares a números e mapas como uma cunha cravada na tecnocracia colonialista. Fato que também pode ser interpretado como a maneira utilizada pelos acadêmicos para ordenar suas experiências. Abandonados por Napoleão e afastados dos amigos que tinham na França, os acadêmicos no Egito se angustiavam com incertezas sobre o futuro e com o visível caos do estilo de vida egípcio. Sob tais circunstâncias, números e mapas ofereciam uma espécie de conforto.

Atualmente, historiadores de arte e arqueólogos estudam o livro e, além desse grupo, poucas pessoas tiveram a chance de virar as enormes páginas. As cópias do original são poucas e encontram-se enfileiradas em vãos de importantes bibliotecas nos Estados Unidos ou na Europa e em coleções particulares espalhadas pelo mundo. As cenas panorâmicas de ruínas parcialmente cobertas de areia descrevem um Egito de épocas passadas que é, ao mesmo tempo, nostálgico, visualmente interessante e informativo. Os delicados desenhos coloridos de pássaros realizados por Savigny têm a mesma qualidade dos de Audubon, e seus inúmeros e impressionantes desenhos em preto-e-branco de centenas de minúsculos invertebrados estão entre as mais belas representações da natureza. A seção sobre o Egito moderno, com ilustrações de Conté e Dutertre sobre os habitantes locais, tanto ociosos como em suas oficinas de trabalho, formam um registro belo, sensível e preciso de uma era que não mais existe no Cairo.

O fato de o livro ser uma “consolação” para uma desastrosa campanha egípcia e para as perdas numerosas e inúteis sofridas pelo exército francês é questionável. No mínimo, o livro deixou claro o que os cientistas haviam tentado fazer lá.

Como Rip van Winkles*, os acadêmicos, ao retornarem, se deram conta de que a França, e Paris, continuou existindo sem eles. Em uma época das mais imprevisíveis e tumultuadas da história da Europa, eles haviam passado quase quatro anos em uma terra distante, desértica, com raras notícias de casa. Amigos e parentes haviam morrido ou se casado, colegas haviam sido promovidos. Ao chegar, Geoffroy não tinha sequer certeza de encontrar seu pai vivo. Quanto às suas carreiras, a ciência havia avançado sem eles e sem o conhecimento deles. Em 1799, o cientista inglês Humphry Davy provou que calor era movimento “não calórico”. Em 1800, um cientista alemão, chamado Karl Friedrich Burdach, sugeriu que o termo *biologia* fosse substituído por *história natural*, nome tradicional para o campo que englobava zoologia, mineralogia e botânica. No mesmo ano, Alessandro Volta anunciou a primeira bateria elétrica. Em 1801, o cientista inglês Thomas Young (que também estudou a Pedra de Roseta) mostrou que a luz se movimenta em ondas. Os cientistas voltaram à França ignorantes dessas e de muitas outras descobertas inovadoras em seus respectivos campos de trabalho.

Além disso, encontraram uma França profundamente mudada. Politicamente, a nação havia se modificado. Napoleão, o jovem cidadão-guerreiro era agora Primeiro Cônsul da República Francesa; havia se reconciliado com a Igreja Católica e estava bastante avançado no caminho para se tornar imperador. Esse último desenvolvimento seria vantajoso para os acadêmicos porque o imperador não se esqueceria da enciclopédia.

* Rip van Winkles é o nome de uma narrativa curta, escrita por Washington Irving, e também o nome do protagonista da mesma história que, fugindo de sua esposa má, corre até uma floresta. Depois de muitas aventuras, adormece sob uma árvore. Acorda vinte anos depois e decide retornar à vila onde morava. “Rip van Winkles” é também usado como metáfora de alguém que dorme muito tempo ou que não se dá conta de que certas coisas mudaram. (N.T.)

Ao voltarem à França, dependendo da idade, temperamento, personalidade e constituição, os *sábios* se encontravam alterados de várias formas. Haviam crescido, ou perdido a saúde, e, ao se envolverem com projetos antes inimagináveis, mostraram interesse renovado e refinaram idéias anteriores. Por fora, Paris parecia a mesma, mas em muitos sentidos era uma cidade diferente daquela em que haviam crescido. Aquela Paris que conheciam, cética até a medula, havia desaparecido.

Nos anos entre o retorno dos *sábios* do Egito e a publicação de seu livro, a França e a Europa haviam entrado em uma nova era. As vidas dos *sábios* fizeram uma ponte entre o fim da Idade da Razão e o começo do Romantismo na história cultural da Europa que, de certa forma, personificava a transformação. Enquanto seu livro não passava de uma obra-prima do Iluminismo, repleta de classificação e números, a campanha egípcia, por si só, representava a mais moderna aventura romântica. Aventurar-se em viagens distantes e perigosas, arriscando a vida por amor ao conhecimento serviu de assunto para romances e poesia da época. Um subproduto da Era Romântica foi o Gótico, que evidenciava um gosto manifesto por todas as coisas exóticas e misteriosas, e os acadêmicos realmente trouxeram tais coisas do Egito em seus livros de desenhos e espécimes em jarros. Apesar de céticos, os *sábios* viveram uma vida romântica. Eles haviam sobrevivido ao Terror e, literal ou metaforicamente, limpavam o sangue de seus sapatos em Paris. Tais homens – pode-se imaginar – nunca teriam ficado totalmente satisfeitos levando suas vidas dentro de departamentos de museu. Como personagens de um romance da época, eram excêntricos, trágicos, fadados.

O próprio Napoleão era a quintessência da figura romântica. O cidadão-guerreiro passou de soldado comum a procônsul e imperador, governou por quase quinze anos, foi derrotado em Waterloo em 1815 e exilado, tendo sido substituído por antigos monarquistas e clérigos. Mesmo antes de sua partida, a Idade da Razão – da classificação e do ceticismo extremo – havia passado, sendo substituída por um novo gosto pelo misticismo.

Em seu exílio em Santa Helena, ele nunca se cansou de falar sobre o Egito, período de sua carreira onde a grandeza havia, pela primeira vez, se lhe afigurado possível. Naquela ilha distante e rochosa, cortada pelos

ventos, o imperador caído viveu a despreocupação necessária para sonhar com o deserto, tendo a audiência para aplaudir suas revisões e melhorias da história. Seus cortesãos, os poucos que ainda lhe dedicavam lealdade e se retiraram para Santa Helena, registravam cada palavra – não tinham nada mais além para fazer – e encorajavam o grande líder com perguntas e lembranças. Em função disso, ele teve a chance de se recolocar. Não estava sozinho, esperando para reescrever sua própria história, e sim mais desiludido que a maioria a esse respeito.

“No Egito”, ele disse a um de seus escribas, o Conde de Las Cases, “me senti livre da pressão de uma civilização enfadonha. Pude sonhar com todo tipo de coisa. Criei uma religião, vi a mim mesmo a caminho da Ásia, montado num elefante, com um turbante na cabeça e levando nas mãos um novo Corão que teria composto para atender às minhas necessidades. O tempo que passei no Egito foi o melhor de minha vida, pois foi ideal”⁴.

A memória que Napoleão mantinha sobre a campanha no Egito como um idílio oriental preencheu-o até o final da vida. Ele sempre afirmava que teve toda a Ásia ao alcance de suas mãos e que fora a peça mais importante para conquistas ainda maiores. Negava ter abandonado seus homens, ou que tivesse ordenado que as vítimas da praga fossem envenenadas. “Minha partida do Egito foi resultado de um plano magnânimo”⁵, ele disse à sua audiência em Santa Helena. “É simplesmente ridícula a imbecilidade daqueles que consideram aquela partida como uma fuga ou deserção.”

Em seus últimos dias, tornou-se ainda mais iludido sobre o assunto. Informou aos seus companheiros que a palavra Napoleão significava “leão do deserto” e que ele sentia que havia nascido para governar aquele lugar. “O deserto sempre teve forte influência sobre mim”⁶, disse a Las Cases. “Eu nunca o cruzei sem sentir uma forte emoção. Para mim, o deserto é a imagem da imensidão. Ele não tem limites, não tem começo nem fim. Um oceano em terra firme.”

Como Napoleão, a maior parte dos cientistas passou o resto de suas vidas revivendo, se arrependendo ou simplesmente pensando em seus três anos passados no Egito. Até o fim, grande parte de seus destinos estava diretamente ligada à ascensão e queda do general que os liderara pelo deserto.

Quando alcançou proeminência, Napoleão distribuiu títulos aos seus favoritos. Transformou Monge e Berthollet em condes.

Berthollet aceitou tanto a honra como a ajuda financeira para organizar uma expedição científica a Arcueil. A sociedade de Arcueil era equipada com os mais modernos laboratórios e seu quadro de funcionários era composto por talentosos estudantes. Algumas das mentes mais brilhantes da Europa tornaram-se membros, inclusive o naturalista Alexander von Humboldt, o matemático Pierre-Simon de Laplace, o químico Jean-Baptiste Biot, e Étienne-Louis Malus, cujos trabalhos sobre a luz foram interrompidos quando ele morreu, ainda jovem, enfraquecido por uma doença contraída no Egito.

Concentrada na ciência, a Sociedade não dava importância à fase do Egito, mas Berthollet vivia circundado por ícones egípcios. Em seu recém-cunhado brasão, ele tinha uma íbis sagrada e planejou um escritório que serviria a um sacerdote faraônico. Sua mobília era entalhada com colunas, esfinges e pirâmides. As cortinas eram estampadas com flores de lótus, estrelas, outras flores e motivos encontrados nas tumbas. Sua cadeira de trabalho era uma cópia exata das cadeiras encontradas nas pinturas primitivas. Vistas panorâmicas dos templos de Dendara e Tebas decoravam as paredes. Nos quatro lados, sua escrivaninha tinha entalhes de antigos templos egípcios e possuía prateleiras especiais para receber todos os volumes do enorme livro dos *sábios* sobre o Egito⁷.

Apesar da abundância de referências à espiritualidade pagã à sua volta, Berthollet se manteve um materialista, um homem profundamente científico, racional e completamente sem religião. Napoleão nunca gostou realmente desse aspecto de sua personalidade e, apesar de amar o químico por suas habilidades, o considerava um pouco frio. Mesmo respeitando Berthollet, um homem que poderia ajudá-lo a fabricar pólvora e aço, e talvez até açúcar, quando este produto tornara-se escasso, Napoleão preferia a companhia do passional Monge. Além de dar a Monge o título de conde, fez dele também senador, um fardo que o químico apolítico carregou sem reclamar.

Berthollet teria preferido abandonar a política e todos os aspectos complicados da vida, inclusive amor e morte, nos portões de seu complexo arcadiano. Na primavera de 1810, no entanto, seu único filho,

Amédée, também químico, inesperadamente e por razões desconhecidas, cometeu suicídio aos trinta anos, mas de maneira particularmente científica. Fechou todos os buracos do cômodo, ligou um fogão alimentado a carvão e, lentamente, deixou-se asfixiar, anotando em seu caderno todos os sintomas de sua morte inevitável.

Ao receber a notícia, Berthollet encontrava-se em Paris. Poderia ter intuído complicados processos químicos, mas não era homem de palavras. Não conseguiu sequer contar à esposa sobre a morte do filho, tendo pedido a um amigo que o fizesse.

Meses depois, escreveu uma nota de uma linha ao cientista inglês Charles Blagden, em Londres: "M. Chenevix informou-o devidamente sobre a desastrosa perda de meu filho; o que torna necessário que eu fique sozinho"⁸.

Berthollet sobreviveu ao cataclisma da queda de Napoleão sem máculas profissionais e deixaria o louvor para seu amigo Monge, cujos anos de velhice não foram tão fáceis.

Napoleão deu a Monge o título de Conde de Péluse – em honra ao Pelésio, antigo local no deserto do Sinai onde os persas se renderam a Alexandre, o Grande. Com o título, ele recebeu uma bela casa. Por algum tempo, Monge, sua esposa e filhas desfrutaram de uma vida luxuosa antigamente permitida apenas aos nobres hereditários. Quando ainda era apenas o filho de um mascate, o ardente revolucionário havia desprezado todas as armadilhas da nobreza, mas, com o advento da idade e da sabedoria, aceitou, agradecido, tais honras como merecidas.

No verão de 1813, a sorte do geômetra, que poderia ser comparada à de Napoleão, chegou ao ponto culminante, para depois entrar em rápido declínio. Ele tinha sessenta e seis anos quando leu o Boletim 29 de Napoleão, que anunciava sua desastrosa retirada da Rússia. Monge teve um ataque de apoplexia. Ao se recobrar, aturdido por saís inalados e conhaque, disse: "Pouco tempo atrás, eu não sabia de uma coisa que agora sei: sei como devo morrer."

Ele estava certo ao prever que sua vida seria tirada por um derrame. Entretanto, naquela tarde de verão, pôde ver apenas o contorno do seu destino, não os detalhes. Enquanto isso, os planos grandiosos do imperador se dissipavam à medida que seu poder diminuía. Napoleão queria

testar cientificamente toda a América do Norte e do Sul, um projeto que deveria ter início assim que ele tivesse pacificado a Europa. “Preciso de um companheiro para me colocar a par do atual estado das ciências”, disse o imperador a Monge. “Depois, você e eu atravessaremos todo o continente, desde o Canadá até Cape Horn [ponto mais meridional da América do Sul, na Terra do Fogo, Chile] e, nessa longa jornada, estudaremos todos os fenômenos prodigiosos da física terrestre sobre a qual o mundo científico ainda não pronunciou um veredicto.”

“Senhor, seu colaborador foi encontrado”, respondeu Monge. “Eu irei com o senhor!”

Napoleão não se deixou convencer. “Você está muito velho, Monge. Preciso de um homem mais novo.” Monge, sempre brincalhão, colocou mãos à obra para encontrar alguém mais jovem. Enquanto estava envolvido nessa tarefa, os britânicos mandaram o imperador para o exílio no sul do Atlântico.

A monarquia restaurada confiscou do Conde de Péluse tanto seu título como sua propriedade. Em 1816, o novo regime ordenou aos cientistas da nação que expulsassem o grande geômetra da Academia Nacional de Ciência. Em seus últimos anos de vida, Monge viveu o mesmo tipo de miséria que havia experimentado quando criança. Mudou-se de cortiço em cortiço, vivendo das migalhas que seus colegas acadêmicos, menos vilipendiados pelos monarquistas, lhe davam.

Quando, finalmente, em 1818, morreu de enfarte, sua morte passou despercebida e sem honrarias, apesar de Berthollet, com seu jeito reservado e insensível, lhe prestar homenagem. Como punição final, o rei proibiu que os estudantes da Escola Politécnica comparecessem ao funeral de Monge. Entretanto, no dia seguinte, os alunos fizeram uma marcha até o cemitério Père-Lachaise, onde deixaram uma coroa no túmulo de um dos fundadores de sua escola⁹.

Como Berthollet, Geoffroy Saint-Hilaire e alguns outros heróis franceses das ciências do Instituto do Egito, Monge foi imortalizado ao ter seu nome dado a uma rua de Paris. A rue Monge é uma avenida larga e longa que conecta o sétimo e o quinto distritos, que ligam o quarteirão intelectual do Museu de História Natural e a Sorbonne com o setor da moda e comercial da *Rive Gauche*.

testar cientificamente toda a América do Norte e do Sul, um projeto que deveria ter início assim que ele tivesse pacificado a Europa. “Preciso de um companheiro para me colocar a par do atual estado das ciências”, disse o imperador a Monge. “Depois, você e eu atravessaremos todo o continente, desde o Canadá até Cape Horn [ponto mais meridional da América do Sul, na Terra do Fogo, Chile] e, nessa longa jornada, estudaremos todos os fenômenos prodigiosos da física terrestre sobre a qual o mundo científico ainda não pronunciou um veredicto.”

“Senhor, seu colaborador foi encontrado”, respondeu Monge. “Eu irei com o senhor!”

Napoleão não se deixou convencer. “Você está muito velho, Monge. Preciso de um homem mais novo.” Monge, sempre brincalhão, colocou mãos à obra para encontrar alguém mais jovem. Enquanto estava envolvido nessa tarefa, os britânicos mandaram o imperador para o exílio no sul do Atlântico.

A monarquia restaurada confiscou do Conde de Péluse tanto seu título como sua propriedade. Em 1816, o novo regime ordenou aos cientistas da nação que expulsassem o grande geômetra da Academia Nacional de Ciência. Em seus últimos anos de vida, Monge viveu o mesmo tipo de miséria que havia experimentado quando criança. Mudou-se de cortiço em cortiço, vivendo das migalhas que seus colegas acadêmicos, menos vilipendiados pelos monarquistas, lhe davam.

Quando, finalmente, em 1818, morreu de enfarte, sua morte passou despercebida e sem honrarias, apesar de Berthollet, com seu jeito reservado e insensível, lhe prestar homenagem. Como punição final, o rei proibiu que os estudantes da Escola Politécnica comparecessem ao funeral de Monge. Entretanto, no dia seguinte, os alunos fizeram uma marcha até o cemitério Père-Lachaise, onde deixaram uma coroa no túmulo de um dos fundadores de sua escola⁹.

Como Berthollet, Geoffroy Saint-Hilaire e alguns outros heróis franceses das ciências do Instituto do Egito, Monge foi imortalizado ao ter seu nome dado a uma rua de Paris. A rue Monge é uma avenida larga e longa que conecta o sétimo e o quinto distritos, que ligam o quarteirão intelectual do Museu de História Natural e a Sorbonne com o setor da moda e comercial da *Rive Gauche*.

Alguns cientistas retornaram à França com problemas de saúde que encurtaram suas vidas. Nicolas Conté estava sadio ao voltar à França, mas seu querido colaborador e irmão mais novo morreu em 1802, e sua esposa alguns anos depois. Tais mortes o deixaram arrasado e ele próprio faleceu, aos cinquenta anos, em Paris, devido a um aneurisma. Jomard, seu biógrafo, atribuiu a morte prematura do inventor aos anos difíceis passados no Egito e ao seu coração partido. Conté manteve suas idéias para si mesmo e escreveu muito pouco sobre elas. Portanto, não existem muitas provas do que teria produzido caso tivesse sobrevivido. Deixou um único caderno, que acabou se perdendo. Algumas de suas invenções ainda podem ser vistas na escola que fundou, o Conservatório das Artes e Profissões de Paris.

A carreira de Fourier ascendeu e entrou em declínio com Napoleão. Como prefeito de Grenoble, Fourier drenou pântanos e erradicou a malária em seu distrito. De seu posto, ele também ensinava um jovem chamado Jean-François Champollion, que acabaria por decifrar a escrita hieroglífica egípcia.

Fourier foi despedido assim que os monarquistas retomaram o poder e passou vários anos em Paris, vendendo seus pertences para poder comprar alimento. Em 1816, os cientistas da Academia receberam ordem para não ajudar o amigo do imperador mas, desafiando o rei, fizeram dele secretário permanente da Academia. De seu escritório, ele regalava os membros mais jovens com memórias do Egito até que alguns deles começaram a achá-lo “insuportavelmente enfadonho”.

No dia 16 de maio de 1830, Fourier faleceu em decorrência de uma queda na escadaria de seu apartamento. Vinte anos após a sua morte, Auxerre, sua cidade natal, erigiu uma estátua de bronze ao brilhante órfão, filho de alfaiate. A estátua foi derretida pelos nazistas durante a Segunda Guerra Mundial¹⁰.

Apesar de nem sempre concordar com Napoleão, Desgenettes, o aristocrático médico, teve tanto quanto Fourier seu destino atado ao do pequeno general. Quando voltou ao Egito, Napoleão lhe concedeu o título de baronete para o qual Desgenettes, que já havia perdido um título, teve pouco uso. Mesmo assim, ele serviu com lealdade o exército de Napoleão até o amargo final, participando das campanhas da Áustria e da Rússia.

Isolado entre “os egípcios”, Desgenettes não vivia circundado por relíquias e *souvenirs* egípcios, nem entediava seus ouvintes com a repetição de histórias sobre o Egito. Em vez disso, a memória que ele tinha daqueles anos murchara em sua alma, tendo vindo à tona apenas uma vez – durante um episódio de grande dificuldade durante a última das guerras de Napoleão na Europa.

Em 1812, Desgenettes encontrava-se com uma guarnição de tropas em Torgau, na Alemanha Oriental. O clima estava frio e úmido devido à neve e os soldados sofriam do mal-estar comum de um exército em retirada: fome, enregelamento, piolhos. Entretanto, havia alguma outra coisa no ar, um tipo de doença contagiosa que matava. Sem medicamentos ou diagnóstico, o número de doentes crescia diariamente. Os oficiais médicos estavam sobrecarregados e um grande número deles já havia perdido a vida.

Exausto e acometido de febre, Desgenettes aparentemente sentiu uma terrível e opressora familiaridade naquele fedor e penúria. Reuniu todos os médicos civis e, bastante tenso, exigiu que fosse imediatamente informado se qualquer de seus pacientes apresentasse caroços, ou quaisquer outros sintomas possíveis de *la peste*, apresentados em uma lista. De cenho franzido, os médicos civis se entreolharam e concordaram em prestar atenção nos sinais. Mas, ao que tudo indicava, os soldados estavam morrendo de simples gripe. A peste bubônica seria o último de seus problemas. Tratava-se de um fantasma que atormentava apenas o médico-chefe.

Em dezembro, os cossacos tomaram Torgau e confinaram Desgenettes em uma cela. Por escrito, ele apelou diretamente ao Czar Alexander, lembrando ao líder russo que, como médico, já havia realizado inúmeros atos de compaixão a favor de russos doentes. Surpreendentemente, a carta surtiu resultados e Desgenettes foi escoltado por um contingente de cossacos de volta ao território controlado pelos franceses. Testemunhou a derrota de Napoleão em Waterloo e assistiu a partida do imperador destronado para seu exílio final em Santa Helena.

Napoleão sempre considerou Desgenettes impassível e independente demais, mas os Bourbons tinham ainda menos confiança no médico do imperador. Quando retomaram o poder, expulsaram-no do exército. O

médico passou o resto de sua vida ensinando medicina. Nunca tendo a falta de autoconfiança como característica, Desgenettes acabou publicando suas próprias memórias médicas da campanha egípcia. Mais tarde, tornou-se conhecido tanto por sua sagacidade como por suas habilidades curadoras¹¹.

Quando os acadêmicos retornaram à França, os dois finos volumes do livro de Vivant Denon, *Travels in Upper and Lower Egypt*, já estavam no prelo e prestes a se tornar um sucesso de vendas na Europa. Denon escreveu um livro de consumo popular. Era menor e mais facilmente acessível do que o que os acadêmicos haviam planejado ou poderiam fazer como grupo, como ele mesmo admitiu. Foi publicado em quarenta editoras, traduzido para o italiano, alemão e inglês, e foi o primeiro livro de viagem a se tornar *best-seller* no século XIX. O sucesso de Denon inspirou outros *sábios* a tentar publicar seus trabalhos de forma independente, mas nenhum alcançou tanto sucesso quanto ele.

Entretanto, Denon sempre respeitou a Comissão e suas superiores habilidades analíticas. Quando os acadêmicos retornaram para casa em segurança, Denon, insistindo que as interpretações dos acadêmicos seriam mais precisas, excluiu de seu livro grande parte das especulações. “Retirei de meu diário tudo o que arrisquei quanto ao material de pesquisa; novamente vesti meu uniforme de soldado-batedor... de forma a guiar aqueles que decidam seguir meus passos e, mesmo que seja através dos meus erros, prestar um serviço aos editores de um trabalho importante”¹². Nem todos os acadêmicos responderam com elegância à modéstia do velho diplomata. Numa carta escrita a Jollois, no início de 1802, Devilliers, de forma impertinente, menosprezou o trabalho de Denon: “O zodíaco de Denon é exatamente o que vimos em Dendara, quer dizer, parece muito pequeno e, do meu ponto de vista, bastante incorreto”¹³. Um de seus professores da Escola Politécnica havia atizado o orgulho de Devilliers, dizendo aos jovens estudantes que o trabalho deles era “mais significativo que o de Denon” e que uma coleção independente dos desenhos dos alunos seria “esplendorosa”.

Napoleão nomeou Denon primeiro diretor do Museu do Louvre. Na verdade, ele acabou se tornando consultor de arte particular do

imperador, catalogando e organizando para o novo museu nacional os trabalhos de arte pilhados das guerras em toda a Europa. O próprio imperador não era muito sensível às artes, fato que o deixava constrangido. Quando lhe mostravam uma grande obra de arte em algum salão, ele, invariavelmente dizia, impassível: “*De qui est-ce?*” – De quem é?. Costumava dizer que as pirâmides do Egito eram o trabalho mais impressionante que jamais vira.

Como esteta, Denon podia dar cobertura a Napoleão. Ele também percebia, sem que ninguém precisasse lhe dizer, a necessidade do imperador de ter propaganda visual. Sexagenário adiantado, Denon ainda se mostrava destemido, sempre disposto a estar presente na próxima linha de combate e desenhar, de modo que o artista a quem fosse designada a tarefa de pintar a cena soubesse como realmente fora Austerlitz. Denon descrevia exatamente a cor dos olhos dos heróis nos campos de batalha. Assim como sabia quais das pinturas pilhadas da Itália deveriam ser mostradas no museu nacional e quais deveriam ser mantidas no depósito, Denon sabia exatamente que artistas recrutar para tais trabalhos.

Em Paris, ele vivia com extremo conforto, cercado por amigos espirituosos e prazeres sensuais. Cortesão, diplomata, artista, escritor e amante, ele viveu uma vida repleta de prazeres intelectuais e físicos. Nos anos seguintes ao seu retorno do Egito, além de publicar seu livro de viagem extremamente popular, foi também bem-sucedido na literatura. Em apenas vinte e quatro horas, depois de ter feito uma aposta de que seria capaz de escrever uma história de amor sem obscenidades, produziu um conto primoroso. O resultado, que recebeu o título de “*Le Point de Lendemain*”, recebeu excelentes críticas. O romancista Honoré de Balzac se referiu ao trabalho como um manual para homens casados e “excelente retrato dos costumes do último século”.

Em 1815, os monarquistas sugeriram que ele se demitisse de seu posto no Louvre. De posse de seus livros e de seu endiabrado auto-retrato, Denon deixou um pé de múmia e papiros que lhe pertenciam para a coleção do museu. Dilete até a medula, não tardou a encontrar onde aplicar a energia de sua mente e seus talentos. Nos próximos treze anos, Denon trabalhou em um ambicioso livro sobre arte antiga e moderna. Com esse trabalho, ele pretendia identificar o fio essencial da cultura

humana, um fio que ligava os antigos egípcios aos gregos, aos romanos, aos pintores de Bizâncio, Veneza, Bruges, a Miquelângelo e Ticiano e, finalmente, aos pintores franceses do século XIX.

Faleceu em 1827, deixando o trabalho inacabado.

Em 1830, três anos após a morte de Denon, Geoffroy Saint-Hilaire e Cuvier, na época dois velhos naturalistas grisalhos, tiveram uma famosa discussão na frente dos ilustres membros da Academia Francesa de Ciência. Na verdade, durante duas semanas, eles discutiram em público diariamente. O que havia começado como um debate altamente esotérico sobre a forma ou função de determinado fenômeno da vida transformou-se numa enorme rixa verbal. A ferocidade dos polemistas, tão perturbadora e chocante, foi finalmente interrompida pelos diretores da Academia, que fecharam o tópico para discussões futuras¹⁵.

A essa altura, Geoffroy Saint-Hilaire, que realmente vivera para respeitar Cuvier e implorava por cartas dele durante sua estada no Egito, já se tornara imune ao desprezo de Cuvier. Ele havia encontrado seus próprios colaboradores e fama. Mais que um cientista, era um filósofo. As pessoas comuns da França o conheciam como o homem que, em 1826, conduziu pessoalmente pela estrada entre Marselha e Paris a primeira girafa jamais vista pelos europeus – presente de Muhammad Ali, novo líder egípcio. Mais que isso, foi adotado por grandes artistas e escritores como patrono filósofo.

Ao retornar à França, no início manteve segredo sobre a teoria da unidade da vida que desenvolvia em sua mente, pois pensou que pudesse ser rejeitada por seus colegas. Trabalhou então em uma teoria mais aceitável, sobre a organização animal, tentando demonstrar que todos os vertebrados – peixes, répteis, pássaros e mamíferos – dividiam o mesmo plano da organização, o que podia ser provado por suas partes análogas. Expressou suas primeiras idéias em 1806, quando escreveu um verbete sobre o baiacu egípcio para o livro *Description de l'Égypte*. Ele propunha que um osso largo e ainda sem nome do peixe era homólogo à escápula humana. Tal linha de pensamento acabou se tornando uma teoria que ele chamou de “unidade de composição”, que lhe valeu a admissão no consagrado Instituto da França (mais tarde rebatizado de Real Academia de Ciência), e um segundo título de doutorado.

Logo depois, ele expandiu seu pensamento ao propor uma teoria mais especulativa sobre um único animal arquetípico como base para toda a vida. Em 1817, Geoffroy publicou sua grande teoria, sob o pesado título de *Anatomical Philosophy: Of the Respiratory Organs with Respect to the Determination and the Identity of their Osseous Pieses* [Filosofia Anatômica: sobre os Órgãos Respiratórios no que diz Respeito à Determinação e à Identidade com o *Osseous Pieses*]. Abriu sua tese com uma defesa longa sobre seu direito de ser polêmico para, em seguida, anunciar o significado de época de sua idéia. Essa especulação radical e sem provas provocou o racha final com Cuvier.

O desagradável debate público entre Geoffroy Saint-Hilaire e Cuvier tinha origem parcialmente pessoal (no Egito, o “querido amigo” nunca havia estendido a mão ao seu jovem protegido), mas era também um debate sobre o posicionamento com relação à ciência, especulação *versus* certeza, Iluminismo *versus* Romantismo. Cuvier era cético, formal e dedicado aos fatos, enquanto Geoffroy Saint-Hilaire era imprevisível e experimental. De maneira simplista, o conflito entre eles personificava duas visões diferentes de mundo.

A pesquisa de Geoffroy em busca de uma teoria de vida abrangente fez com que se tornasse popular entre os escritores e pensadores europeus que rejeitavam o estilo rígido e pedante do século XVIII em busca de uma visão de mundo mais transcendente. Um dos muitos fãs literários de Geoffroy era o poeta e naturalista Johann Wolfgang von Goethe, que ficou chocado ao saber do desacordo público entre Cuvier e Geoffroy. “O vulcão entrou em erupção; tudo está em chamas e nós não temos mais uma transação por trás de portas fechadas”, exclamou ele, indignado, para um amigo.

Geoffroy Saint-Hilaire, com sua teoria da unidade da vida, acreditava ter correspondido ao desejo de Napoleão expresso no Jardim do Cairo a Monge, antes de fugir do Egito, qual seja, de descobrir as leis universais que regem a ação das menores partículas da matéria. O zoólogo dedicou seu livro sobre a unidade da vida a Napoleão.

Na época em que a romancista Georges Sand o encontrou no *Jardin des Plantes* em 1816, Geoffroy já era um excêntrico. “Por seu lado, o velho Geoffroy Saint-Hilaire é uma besta bastante curiosa, feio como

um orangotango, tagarela como uma maritaca, mas, acima de tudo, um gênio”, escreveu ela. Assim como outros românticos do mundo literário, Sand era grande admiradora do velho zoólogo. “Encontrei em [sua] nova percepção da Criação, muito merecedora de crédito, aquilo que é mais gratificante ao espírito humano... e à sede inextinguível do homem por ordem e harmonia: a corrente universal constante, o encontro harmonioso e equilibrado de inúmeros elos... desde a pedra até a planta, do inseto ao pássaro, da besta ao homem, do homem ao universo, e do universo a Deus.”¹⁶

Balzac, outro seu admirador literário, usou a teoria da unidade das espécies de Geoffroy Saint-Hilaire para criar uma “espécie social”, em sua obra *A Comédia Humana*. No prefácio, ele dá crédito a Geoffroy Saint-Hilaire, afirmando que sua teoria da unidade da composição era mais do que uma “inovação científica”, era um assunto sobre o qual os grandes escritores místicos da época e os “maiores gênios da história natural” já haviam meditado.

Assim como Savigny, Geoffroy Saint-Hilaire acabou ficando cego. Morreu em junho de 1844 e foi homenageado como panteísta, místico e humanista. Várias figuras literárias compareceram ao seu funeral. Duas décadas depois, Darwin o citou como um dos homens que, com seu pensamento, haviam contribuído para a teoria da evolução.

Entre os *sábios* foram os estudantes quem, obviamente, viveram mais tempo. Também para eles, nada do que aconteceu mais tarde na França jamais poderia se equiparar àqueles anos vividos no Egito. Nem o amor, o trabalho, ou a morte. Construíram pontes e estradas, casaram-se e envelheceram passando suas vidas na memória escaldante e iluminada de um lugar distante que nunca mais voltariam a ver.

Como soldados que viveram os momentos mais intensos da vida nos campos de batalha, os jovens avançaram para a meia idade e a velhice sem serem capazes de se sentirem completamente em casa no presente, sempre muito mais animados quando falavam sobre o passado. Em comparação, a vida que tinham ao voltarem era bastante insossa.

Prosper Jollois casou-se com uma mulher chamada Amélie Soufflot, descendente do famoso arquiteto do Panteão, Jacques-Germain Soufflot (1713-1780), mas o casal não teve filhos. A paixão de Jollois por história

durou a vida toda: ele realizou pesquisas sobre o passado da França, inclusive a história de Joana D'Arc, o Cerco de Orleans pelos ingleses e sobre as antiguidades romanas e gaélico-romanas em Paris. Faleceu em 24 de junho de 1842, depois de ter feito um acordo com seu velho amigo, Édouard, de que iriam ser enterrados um ao lado do outro.

Durante seus últimos anos de vida, Édouard Devilliers, que nunca se casou, também teve uma paixão. Apesar de nunca ter feito maiores contribuições para o cânone da egiptologia, o velho celibatário manteve sua dedicação à descoberta dos segredos da antiga astronomia egípcia.

Em abril de 1855, no início de uma manhã de primavera, Jomard, o último dos *sábios*, homenageou Devilliers e Jollois em seus túmulos adjacentes em Paris com um discurso tempestuoso e romântico: "Um dia, dois jovens se encontraram em uma memorável expedição ao Egito; eles se uniram por fortes laços de afeição fundados no respeito; tornaram-se inseparáveis; seus nomes eram apenas um; apenas a morte poderia separá-los. *Adieu*, Édouard Devilliers; *adieu*, Jollois. Vocês dois, nossos companheiros de viagem, nos precederam ao *rendez-vous* que um dia todos compartilharemos; vocês que serviram à pátria tiveram vidas plenas e deixaram nomes que nunca serão esquecidos. Ao deixar a terra, vocês poderiam dizer um ao outro: '*Non omnis moriar, multaque pars mei vitabit Libitinam*'"¹⁶

A frase, em latim, é o penúltimo verso de uma estrofe de Horácio [Carmina 3.30.6], que a maior parte dos ouvintes educados da época reconheceriam imediatamente. Segue a tradução completa da estrofe:

*Terminei um monumento mais duradouro que
o bronze e mais altivo que as Pirâmides,
Um que nem a chuva devastadora, nem o furioso
vento norte destruirão, ou sofrerá a erosão dos anos.
Não morrerei completamente, pois uma grande parte de mim
escapará à morte.
Viverei para sempre e minha reputação crescerá,
sempre estimulada pela glória do tempo.*